

Thomaz, Luís Filipe. *Ucrânia: as lições da História e outros estudos sobre o Oriente Cristão*. Lisboa: Gradiva, 2022, 323 pp.

DOMINGOS TAVARES CAMPOS*

Ucrânia: as lições da História e outros estudos sobre o Oriente Cristão é a mais recente obra de Luís Filipe Thomaz, nome conhecido da historiografia religiosa em Portugal. Ao contrário daquilo que o título poderia indiciar, embora o título possa chamar a atenção para o tema ucraniano, que é estudado de uma perspetiva histórica, visando explicar o cisma eclesiástico que nessas terras grassa desde 2018, o livro lida com uma panóplia de temáticas pertinentes à Europa de Leste, assim como a história das diferentes denominações cristãs presentes no mundo oriental. No geral, o livro afigura-se como um conjunto de diferentes estudos, notas e adendas que vêm dar a conhecer o mundo do Cristianismo oriental que, em Portugal, se afigura como (quase) desconhecido, naquilo que é o culminar de décadas de estudos do historiador português, agora compilados e anotados. Destarte, não se pode pensar nesta obra como tendo uma estrutura transversal, mas antes como um manual introdutório ao Cristianismo Oriental nas suas copiosas facetas, apresentando para isto profusa bibliografia.

O primeiro tratado da obra é dedicado ao tema que lhe dá título, a Ucrânia, na sua história e evolução. O objeto é a história ucraniana e o modo pelo qual é afetada pelos séculos de proximidade ao Ocidente, em contraste com a Rússia, situação que é explicada, em boa medida, pela influência das invasões tártaras, que motivaram desenvolvimentos

* Faculdade de Letras da Universidade do Porto; <https://orcid.org/0000-0002-7335-5369>; domingo-stavarescampos@gmail.com.

políticos de sentidos inversos nestes povos eslavos. O autor aproveita para acrescentar ao corpo deste apartado três apensos, um dos quais com os cânones eclesiásticos citados pelo mesmo ao longo do artigo; um outro com um precioso artigo acerca do pensamento político-religioso eslavófilo e a sua influência na *intelligentsia* russa, por meio de pensadores como Khomiakov e Kireyevski, opositores daquilo que consideravam ser o «Ocidente decadente» e defensores da missão providencial do povo muscovita; e, por fim, uma pequena nota acerca da Bessarábia com um breve apanhado da história desta região.

A secção que se segue lida com a questão macedónica e os problemas que surgem das interpretações e leituras deste nome, oferecendo uma base histórica que explica a mudança do nome, ademais bizarro, de «Antiga República Jugoslava da Macedónia» para Macedónia do Norte tendo por base a relação dos factos que nos é dada pelo estudo etno-historiográfico visto ser a Macedónia histórica uma província helenizada, pelo que se afigura mais lógico chamar de Macedónia *tout court* à província grega de qual Salónica é a jóia do que ao território tomado pelos eslavos e que ocupa menos de metade da Macedónia geográfica. Para este efeito, o autor discorre acerca dos acontecimentos políticos na zona, desde a Antiguidade até à Contemporaneidade e o modo como as populações eslavas vão ocupando o grosso da região, havendo inclusivamente, durante certa altura, pretensões sérvias sobre o porto da referida cidade de Salónica.

Logo adiante temos, como terceiro capítulo, *Oriente e Ocidente*, que demonstra toda a erudição acumulada pelo autor ao longo de uma vida dedicada ao estudo académico do Cristianismo e da Igreja enquanto fenómeno histórico. O original desta parte data de 1965, portanto muito antes do advento da Internet, situação esta que explica algumas potenciais carências do mesmo, visto que, à altura, os livros sobre o assunto escasseavam nas bibliotecas portuguesas. Ainda assim, o autor decidiu manter o artigo na sua redação original, preferindo acrescentar correções pontuais, notas e bibliografia numa secção posterior, que redigiu para a publicação de 2022. Aqui, o autor propõe-se a tarefa hercúlea de dar a conhecer as tradições cristãs orientais, num ambiente sociocultural mais

complexo do que aquele que a Europa conheceu, portanto profusamente a permutas propínquo; além de terem um ambiente filosoficamente mais rico pelo contacto com o Oriente, de onde muita inspiração beberam. O autor convida-nos a embarcar numa viagem geográfica pelos territórios da Ásia e África e a compenetrar-nos na história das suas igrejas. Começa o autor por nos mostrar o carácter bíblico do cristianismo mesopotâmico, nestoriano, cuja inspiração brota da Sinagoga e mais alheia à helenização da Igreja Ortodoxa ou à latinização da Igreja Católica; segue-se a Síria Ocidental com as suas igrejas jacobitas e melquitas, ambas ornadas pelo seu culto, simbolismo e extravagâncias ascéticas; havendo ainda uma explanação da igreja maronita, a única desta raia que se comungou com a Sé de Roma, durante as cruzadas, tornando-a parcialmente latinizada e, por isso, ponte entre o oriente siríaco e o ocidente latino. Segue-se o exemplo das igrejas da África, do Egipto e da Etiópia, a primeira mais marcada pela influência da escola alexandrina de teologia, sob os auspícios da qual estes caíram em monosofismo, e do monaquismo desértico, características que marcam a liturgia copta; a segunda influenciada pelos egípcios, dos quais dependiam hierarquicamente, e pelos siríacos, dos quais receberam a revelação cristã, mas grifada por piedade popular africana alimentada de lendas apócrifas, judaizantes e apocalíptica. Seguem-se as igrejas do tronco bizantino, igreja que se marca pela sua centralidade no Império do medievo, pela influência dos padres capadócijs e pela sua expansão para os eslavos, nos quais é renovada pela fusão do génio destes povos, após o fim do primeiro milénio. As igrejas do Cáucaso são as que se seguem, sendo que a geórgica se deixa tornar progressivamente mais próxima à bizantina, ao passo que a arménia se torna mais vincadamente nacional, ao ponto de se confundir o gentílico do país com o fiel da sua igreja. O autor leva-nos, de seguida, a explorar a teologia das igrejas orientais bizantinas, abordando-a de uma perspectiva comparativa à católica o que ajuda aqueles leitores mais familiarizados com uma do que com outra a poderem conhecer os traços gerais de cada uma, sustentando as suas afirmações com citações das fontes primas de onde bebe o conhecimento que aqui jorra. Por fim, dá-nos a conhecer

o fenómeno monástico e a maneira como culmina no Oriente e no Ocidente em dois sistemas distintos, o primeiro encabeçado por S. Gregório Palamas, o segundo por S. Tomás de Aquino. Desde então, as diferenças esbateram-se, em boa parte graças ao movimento da *Nouvelle Theologie*, que ganhou força com Daniélou, Ratzinger, Rahner, von Balthasar, entre outros e que, pelo retorno aos Padres da Igreja, procuraram afastar-se da teologia neo-escolástica do seu tempo. Por consequência, as diferenças são, hoje, mais matizadas do que eram nos anos 60, altura em que este artigo foi redigido.

A derradeira secção é, a nosso ver, o mais interessante, onde o autor faz uma série de adendas que julgou necessárias para a atualização e desenvolvimento do anterior artigo, como já, aliás, notamos, e que compreendem uma série de temas que revelam o entendimento profundo que o literato detém sobre a história cristã, desde nótulas sobre o Concílio de Éfeso, até uma discussão sobre os *jurodivyi* (Loucos-por-Cristo) russos, passando pelas lendas judaizantes presentes em solo abexim e que moldaram a igreja etíope. De todas as formas, esta parte, pela diversidade de matérias, torna-se particularmente agradável, estimulante e proveitoso.

O grande objetivo do livro fica, pois, assegurado: dar a conhecer os povos e a(s) Cristandade(s) é atingido, sendo um subsídio importante para estudiosos quer da Europa de Leste, quer das formas do Cristianismo fora do mundo católico e protestante. Destarte, e pelo seu teor mais generalista, o livro isenta-se de maiores críticas, podendo apenas destacar a ausência de menção ao movimento romântico e a sua influência na eslavofilia russa, mas cremos que seja isto uma nota de importância menor uma vez que o assunto se manifesta como anexo e não como substância do artigo que acompanha. Do ponto de vista panegírico, a documentação que sustenta as afirmações do autor é soberba, com centos de referências bibliográficas para os leitores interessados que desejem explorar mais.

Esta obra torna-se assim obrigatória quer para iniciantes, quer para peritos nas áreas de estudo. Para os primeiros, o livro é um manual que trata de todos os tópicos pertinentes às Cristandades Ocidentais e às sociedades greco-eslavas; para os segundos, a exímia documentação e os

temas tão diversos explorados abrem novos horizontes de investigação que poderão ser trazidos e discutidos num futuro agora mais próximo pelos meandros académicos lusitanos. A leitura do livro é agradável, o conteúdo denso e a organização aceitável para um livro que aborda temáticas tão díspares quanto aquelas em questão.

